

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS

TOMO XLVI

**A “História Natural de Portugal”
de Leonhard Thurneysser zum
Thurn, ca. 1555-1556**

BERNARDO JEROSCH HEROLD, THOMAS HORST, HENRIQUE LEITÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2019

A “História Natural de Portugal” de Leonhard Thurneysser zum Thurn, ca. 1555-1556¹

Bernardo Jerosch Herold², Thomas Horst³, Henrique Leitão⁴

RESUMO

A existência de um manuscrito alemão de Leonhard Thurneysser zum Thurn (1531–1596), natural de Basileia, iniciado em 1555 “em casa do nobre senhor e cavaleiro lusitano, Senhor Damião de Gois”, tinha caído, durante algumas décadas, no esquecimento dos historiadores. Contém relatos sobre numerosas plantas e “animaizinhos” observados pelo autor durante a sua estada em Portugal. Um outro aspeto muito curioso é uma descrição dos negros que observou em Lisboa. Embora o texto esteja escrito no alemão da época, a maior parte das designações das espécies vegetais e animais estão mencionadas em português. A transcrição completa deste extenso documento é apresentada aqui na primeira vez como anexo da edição digital deste artigo.

Palavras-chave: Thurneysser; Damião de Góis; História Natural; Farmacologia quinhentista; Negros em Lisboa; Plantas medicinais.

ABSTRACT

The existence of a German manuscript by Leonhard Thurneysser zum Thurn (1531–1596) from Basel, started 1555 in Lisbon “in the house of the noble lord and Lusitanian knight Master Damiani de Goes”, had fallen into the oblivion of historians for several decades. It contains reports on a number of plants and animals observed by the author during his stay in Portugal. Another very curious aspect is his description of the black Africans he met in Lisbon. In spite of the text being written in early-modern high German, most of the names of the vegetal or animal species are mentioned in Portuguese. The complete transcription of the extensive text is presented here for the first time as an annex to the digital edition.

Keywords: Thurneysser; Damião de Góis; Natural History; 16th Century Pharmacology; Black People in Lisbon; Medicinal Plants.

¹ Comunicação apresentada por B.J. Herold na sessão académica da Classe de Ciências de 7 de Abril de 2016. Publicada na revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 19 (2017) 305-343. Agradece-se a cedência graciosa dos direitos de autor desta revista.

² CQE Centro de Química Estrutural, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa e Academia das Ciências de Lisboa

³ CIUHCT Centro Interuniversitário de História da Ciência e da Tecnologia, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

⁴ CIUHCT Centro Interuniversitário de História da Ciência e da Tecnologia, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e Academia das Ciências de Lisboa. herold@tecnico.ulisboa.pt; thhorst@fc.ul.pt; leitao.henrique@gmail.com

ZUSAMMENFASSUNG

Die Existenz eines deutschsprachigen Manuskripts, das Leonhard Thurneysser zum Thurn (1531–1596) aus Basel 1555 in Lissabon anfang “Inn der Behausung dess Edlen Herren vnnd Lusitanischen Ritters Herren Damiani de Goës” zu schreiben, war während einiger Jahrzehnte von den Historikern vergessen worden. Es enthält Berichte über zahlreiche Pflanzen und Tiere, die Thurneysser während seines Aufenthalts in Portugal beobachtet hat. Ein sehr kurioser Aspekt ist seine Beschreibung der schwarzen Afrikaner, die er in Lissabon angetroffen hat. Obwohl der Text auf frühneuhochdeutsch geschrieben ist, benutzt er für den größten Teil der pflanzlichen und tierischen Arten die portugiesischen Bezeichnungen. Die vollständige Transkription dieses ausführlichen Dokuments wird hier zum ersten Mal als Anhang der digitalen Ausgabe dieses Beitrags veröffentlicht.

Schlüsselworte: Thurneysser; Damião de Góis; Naturgeschichte; Pharmakologie im 16. Jahrhundert; Schwarze in Lissabon; Heilpflanzen.

UM MANUSCRITO REDESCOBERTO E A SUA HISTÓRIA

Ter redescoberto recentemente, para a comunidade científica portuguesa, um manuscrito alemão iniciado – segundo aparece escrito na sua própria página de rosto – em casa de Damião de Góis em 1555-1556, constituiu uma surpresa e ao mesmo tempo um desafio.

O manuscrito em causa encontra-se na *Staatsbibliothek zu Berlin*, com a cota *Ms. Germ. Fol. 97*, e pertence ao espólio de Leonhard Thurneysser zum Thurn (1531-1596), natural de Basileia. As partes que maior curiosidade despertam num lusitanista são naturalmente as constituídas pelos diversos comentários e observações, aparentemente feitas por Thurneysser, quando em Portugal.

A existência deste manuscrito já tinha sido assinalada em 1925 por Hermann Degering (1886-1942), na altura diretor da secção de manuscritos da então denominada *Preussische Staatsbibliothek*⁵. No seu levantamento das partes que dizem respeito a Portugal, intitulou-as como *Zur Naturbeschreibung von Portugal*, isto é, “acerca da descrição da natureza de Portugal”. Mais tarde, o geógrafo alemão Otto Quelle (1879-1959), catedrático da Universidade de Bona desde 1920, interessou-se por este manuscrito, numa altura em que era consultor científico do *Ibero-Amerikanisches Institut* e editor do *Ibero-Amerikanisches Archiv. Zeitschrift für Sozialwissenschaft und Geschichte*, que fundara em 1924⁶. Quelle trabalhou sobre a história cultural espanhola e portuguesa publicando diversos livros⁷, e artigos, em dois dos quais revela o conhecimento da existência do manuscrito de Thurneysser, bem como apontando o seu desejo de o publicar em moldes científicos.⁸ Esta informação teria levado os autores de “Oito Séculos de História Luso-Alemã” a referir-se a esse documento⁹.

⁵ DEGERING (2007).

⁶ A primeira referência a este interesse data de 1941 e encontra-se na tese de doutoramento na Universidade de Coimbra de Albin Eduard Beau, BEAU (1941) 176–177.

⁷ QUELLE (1940) e QUELLE (1942).

⁸ QUELLE (1944a): *Die Ergebnisse seiner Forschungen – der ersten wissenschaftlichen auf portugiesischem Boden – sind niedergelegt in einem mehrere hundert Seiten umfassenden Folioband, dessen wissenschaftliche Veröffentlichung mir hoffentlich bald ermöglicht wird.* Comparar QUELLE (1944b) 116.

⁹ STRASEN (1944) 163–164.

Tal desejo não se conseguiu satisfazer, porque, na altura em que foi manifestado, já os maiores tesouros culturais dos museus e bibliotecas de Berlim estavam a ser embalados e transportados para locais seguros, longe dos bombardeamentos, por exemplo em minas de sal-gema. Este manuscrito, em particular, parece ter estado depositado na Arquibadia de Beuron. Assim, levou anos até voltar a estar disponível para os investigadores: primeiro, na Universidade de Tübingen, como foi referido em 1960 por Henry Béat de Fischer (1901-1984)¹⁰, então enviado extraordinário e ministro plenipotenciário da Suíça em Portugal, segundo o qual o Instituto de Alta Cultura adquirira um microfilme do manuscrito, para possibilitar a Albin Eduard Beau (1907-1969), professor da Universidade de Coimbra, e à sua esposa Ursula, a edição e tradução do mesmo; mas esse projeto também não chegou a ser concretizado. Posteriormente, desde que foi possível reunir na *Staatsbibliothek zu Berlin* vários espólios que se tinham dispersado em consequência da 2.^a Guerra Mundial, o manuscrito tornou-se acessível com maior comodidade.

Não foi, porém, em Portugal que este manuscrito voltou a ser referido, tendo a sua existência sido assinalada, em 1996, por Gabriele Spitzer (hoje de apelido Kaiser), e, em 2011, por Yves Schumacher, nos livros que escreveram sobre Thurneysser, “astrólogo, alquimista, médico e impressor”¹¹. Foi o segundo destes livros que chamou acidentalmente a atenção de um dos presentes autores (BJH) para a existência deste manuscrito e, sobretudo, para a descrição da natureza de Portugal nele contida. Isto levou à constituição da presente equipa que conta com o apoio da *Staatsbibliothek zu Berlin* e do CIUHCT, Centro Interuniversitário de História da Ciência e da Tecnologia, da Universidade de Lisboa.

O manuscrito de Thurneysser tem múltiplos motivos de interesse para os historiadores portugueses, pois além de conter descrições de Lisboa por um viajante estrangeiro, apresenta ainda notícias várias de grande interesse antropológico e cultural e preciosos elementos acerca do mundo natural português. Nesta medida, acrescenta-se à já considerável lista de relatórios de viagem de estrangeiros que passaram por Lisboa no século XVI¹², mas, como ficará mais claro adiante, apresenta características que, de certa maneira, o tornam único neste importante *corpus* documental.

Dada a grande extensão do manuscrito, num alemão da época (*Frühneuhochdeutsch*) semelhante ao usado por Martinho Lutero na sua tradução da Bíblia, prevê-se que a transcrição, edição crítica e tradução completa venham a demorar alguns anos. Além disso, subsistem ainda algumas interrogações acerca da biografia de Thurneysser, da sua estadia em Lisboa, da origem deste manuscrito e de algumas informações nele contidas, dúvidas essas que só uma investigação mais apurada permitirá resolver. Contudo, pareceu-nos que não se deveria deixar de noticiar publicamente a redescoberta deste documento e a existência deste projeto para o estudar, bem como alguns dos primeiros resultados, antes mesmo de os trabalhos terem progredido ao ponto de se proceder à sua publicação, mesmo que apenas parcial.

¹⁰ FISCHER (1960) 149–151.

¹¹ SPITZER (1996), SCHUMACHER (2011).

¹² Uma lista recentemente aumentada com o importante relato da passagem por Lisboa em 1514 de Jan Tacoen de Zillebeke: STOLS (2014) 77–131.

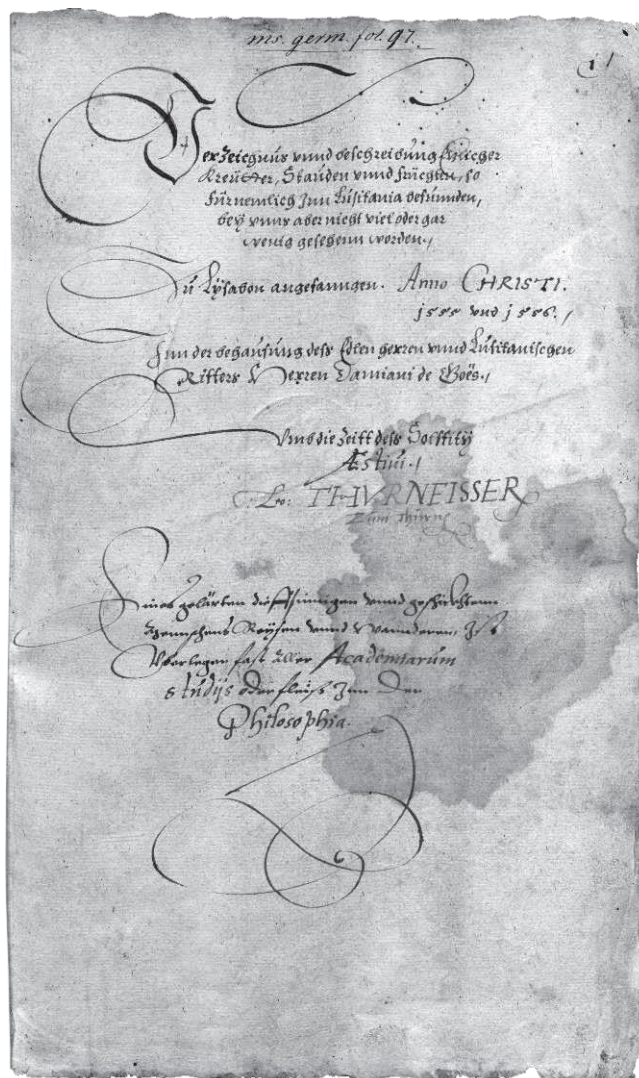


Figura 1

Página de rosto da “História Natural de Portugal”. Cortesia: Staatsbibliothek zu Berlin, Ms. Germ. fol. 97, fol. 1r.

LEONHARD THURNEYSSER E A SUA ESTADA EM LISBOA

O autor, Leonhard Thurneysser zum Thurn (1531-1596), natural de Basileia, aí aprendeu o ofício de ourives; mais tarde dirigiu minas no Tirol e fez viagens extensas, inclusivamente a Portugal¹³. Embora não tenha estudado em nenhuma universidade, considerava-se um continuador das doutrinas paracelsianas e praticava a alquimia e a medicina, tornando-se médico pessoal do Príncipe Eleitor de Brandenburgo. Em Berlim, este príncipe cedeu-lhe as instalações de um convento franciscano que tinha sido abandonado em consequência da reforma protestante. Verdadeiro polímato, usou os seus conhecimentos adquiridos autodidaticamente para produzir uma extensa obra impressa sobre assuntos que vão

¹³ Esta informação biográfica é recolhida das obras de SPITZER (1996) e SCHUMACHER (2011).

desde a alquimia e a astrologia até à farmacologia e medicina, passando por vocabulários “onomásticos” políglotas. Para imprimir essas obras com a perfeição gráfica que para elas exigia, fundou nos edifícios do convento mencionado a sua própria tipografia. No mesmo lugar também funcionava a sua botica, em que produzia as drogas que administrava aos seus pacientes, vendia a farmácias e também exportava para uma série de estados alemães e de países limítrofes. Na sua empresa empregava perto de duzentos trabalhadores, desde amanuenses de farmácia a copistas, gravadores, tipógrafos e toda a espécie de criados. Na sua prática médica, usava paralelamente aos métodos tradicionais transmitidos desde a Antiguidade e através da Idade Média, a astrologia e a uromancia. Fazia diagnósticos à distância das doenças das mais distintas cabeças coroadas em toda a Europa, examinando amostras de urina e relatórios que lhe eram enviados. A astrologia e a uromancia eram na altura aceites pela sociedade como boas práticas amalgamadas com a medicina. Na sua atividade de impressor, uma grande parte da sua receita provinha da venda de almanaques com horóscopos. O autor do manuscrito revelava-se assim como uma figura verdadeiramente renascentista e ao mesmo tempo um hábil empresário industrial capitalista *avant la lettre*.

O manuscrito com a história natural de Portugal, que nunca foi impresso, parece ter resultado da sua estada em Lisboa, numa altura em que ainda era bastante novo.

DESCRIÇÃO E CONTEÚDO DO MANUSCRITO

O manuscrito, que fazia parte da *Kurfürstliche Bibliothek*, isto é, da biblioteca do Príncipe Eleitor de Brandemburgo, tem mais de 900 páginas (contando também as que estão em branco) em papel de formato *folio*, encadernadas. Consta de onze partes de tipologia muito diversa, havendo, além de quatro partes com a descrição da natureza de Portugal, cuja autoria se atribui a Thurneysser (fols. 1r-143v e 317[217]r-353[253]v)¹⁴, outras sete partes com conteúdos de natureza diferente (fols. 145r-315[215]r e 355[255]r-449[349]r).

Nem todas as partes do manuscrito foram escritas pela mesma mão. Sem prejuízo de uma análise mais completa das caligrafias, pode-se afirmar que uma grande parte deve ter sido escrita por um servidor de Thurneysser chamado Adam Seidel, mencionado na obra já citada de Gabriele Kaiser, como esta autora nos provou, baseada em amostras da letra deste criado de Thurneysser. A maioria das folhas do manuscrito tem marca de água de um papeleiro da cidade de Bautzen, fornecedor habitual da tipografia de Thurneysser.

Antes de descrever em mais pormenor as partes relativas à história natural de Portugal, enumeram-se e resumem-se as outras seguintes:

- Um breve índice alfabético¹⁵ (fol. 145r a 148v) de designações extraídas do livro *Gifftiager, das ist von ursach, reinigung, bewarung und Cur Pestilenzischer lufft*¹⁶, impresso em Frankfurt em 1567, do autor Gulielmo Klebitius, o mesmo que Wilhelm Klebitz (1533-1568), teólogo protestante Zwingliano.

¹⁴ Os números colocados entre parênteses retos são os que figuram de facto no manuscrito. Aqueles que os antecedem são os que deveriam figurar se não tivesse havido um erro moderno do organizador do manuscrito, que se traduziu num recuo de 100 unidades, a partir do fôlio que se segue a 284v. Este erro de contagem repercute-se através de todas as páginas seguintes até à última do manuscrito.

¹⁵ *Aüsszüug ettzlicher vornemer Hanndlungen auss dem Gifftiager H. Wilhelmi Triphyllodacni*.

¹⁶ Tradução do título: “Caçador de veneno, isto é, da causa, purificação, prevenção e cura do ar pestilento”.

- Um índice alfabético de nomes latinos de plantas (fol. 151r a 159v) extraídos dum herbário de Rembert Dodoens (1517-1585) intitulado *Extractio oder Auszug Dodonei*, seguido duma lista poliglota em latim, grego, alemão, brabant (neerlandês) e galês (francês), por vezes acrescentado duma segunda designação latina, quando a usada pelos boticários diferia daquela preferida por Dodoens¹⁷ (fol. 161r a 206r). Cada entrada de uma das listas remete para a página correspondente da outra.
- Um vasto receituário de mais de 60 páginas (fol. 209r a 240r) que, embora invoque, como título na primeira página, *Pedanius Dioscorides Anazarbus*¹⁸, mais parece ser uma compilação de apontamentos retirados da já referida obra *Gifftiager* de Klebitz. Está organizado por capítulos, começando pelos respeitantes à “purificação do ar” como prevenção da peste, percorrendo seguidamente muitas maleitas que se pensava serem causadas por venenos, seguindo a ordem pela qual aparecem no *Gifftiager*. Para cada uma dá uma lista de antídotos. É de notar que não transcreve as partes do *Gifftiager* de Klebitz relativas às “causas teológicas e astronómicas das pestes”, preferindo citar remédios aplicáveis na prática médica.
- Seguem-se excertos dum herbário de Paracelso (fol. 241r a 255r)¹⁹. Estes excertos remetem para páginas dum manuscrito que, como tudo indica, se encontrava na posse de Thurneysser. De facto, numa carta datada de 3 de Janeiro de 1578, que recebeu dum médico de Anhalt, Johann Franke (1545-1617), este manifesta a esperança de que Thurneysser publique em breve esse herbário, o que, no entanto, nunca chegou a acontecer²⁰.
- Um texto de natureza médica (fol. 257r a 263v), seguido duma série de parágrafos de natureza botânica da letra A a H (fol. 265r a 269v), seguidos de mais parágrafos (mas escritos por punho diferente, de I a Z (fol. 270r a 274v). Uma outra série de folhas tem descrições de plantas acompanhadas de desenhos (fol. 275r a 283v), presumivelmente da mão do próprio Thurneysser.
- Um índice de ervas (fol. 285[185]r a 287[187]v)²¹ seguido de textos de natureza botânica (fol. 289[189]r a 315[215]r).
- Finalmente, um índice de drogas (fol. 355[255]r a fol. 374[274]r) seguido de uma tábuia de doenças e lesões, com a indicação das drogas indicadas para a cura de cada uma, com o título *Tabula medicinarum simplici[um], quæ perclucunt[ur] Cathartica ipsa ad membra, quæ peculiariter intendimus evacvuare* (fol. 374[274]v a 393[293]v). Segue-se ainda um índice alfabético de drogas (fol. 395[295]r a 449[349]r) com muitas folhas em branco.

Na secção seguinte descrevem-se com mais pormenor aquelas quatro partes referentes a Portugal que passamos a designar por “História Natural de Portugal”.

¹⁷ Dodoens, médico e botânico flamengo, publicou vários herbários em neerlandês, sendo o mais célebre o *Cruijde boeck* (Antuérpia 1554). Naquela época foi o livro que, a seguir à Bíblia, foi traduzido em mais línguas. A própria edição neerlandesa já contém as designações em todas as línguas mencionadas.

¹⁸ *Pedanius Dioscorides Anazarbus* (ca. 40–90 d.C.), o famoso autor da precursora de todas as farmacopeias, *De materia medica*.

¹⁹ *Extractio oder Auszug der Beschreibung. Beschreibung etlicher Kreütter auss dem Herbario Theophrasti Paracelsi Bombast, beider Artzney Doctoris*.

²⁰ O original da carta encontra-se na secção de manuscritos da *Staatsbibliothek zu Berlin* com a referência Ms. Germ. Fol. 422a. A mesma está transcrita e comentada em KÜHLMANN (2013) Nr. 120, 474–488.

²¹ *Register der Kreutern Thierenn Vögelu vnmnd andere Naturliche[n] Kunstern vnmnd Historien vnd Kranckheiten*.

A história natural de Portugal

Introdução

A *história natural de Portugal* divide-se em quatro partes.

Uma primeira versa as plantas e arbustos que o autor observou em Portugal e que lhe pareceram diferentes dos que conhecia da sua pátria, ao norte dos Alpes (fol. 1r a 109v).

Uma segunda parte trata de *Thierlein* (animaizinhos), incluindo peixes e moluscos (fol. 111r a 127v).

Uma terceira parte consta de uma miscelânea de relatos de observações ou testemunhos recolhidos durante a sua estada em Lisboa. Estes incluem descrições dos rituais de iniciação de novos membros na comunidade dos mercadores noruegueses, bem como uma descrição muito extensa e pormenorizada dos negros e “etíopes” que encontrou em Lisboa, as suas características morfológicas conforme as suas várias origens, os produtos que traziam consigo e a forma como aqueles que vieram como escravos eram vendidos no mercado de Lisboa (fol. 129r a 143v).

Há ainda uma quarta parte que se inicia com descrições e observações sobre animais domésticos e exóticos começando com aves, seguida de quadrúpedes, incluindo lagartos à mistura com cobras e aranhas, mas a maior proporção é dedicada à descrição de plantas medicinais (fol. 317r a 353v).

No texto alemão, o autor designa as plantas, animais, etc. muitas vezes pelos nomes portugueses que recolheu *in loco*. Além do óbvio interesse botânico, farmacológico, zoológico, geográfico, paleoecológico e antropológico das suas observações, também são de salientar certos aspetos comerciais e industriais que entremeia com os citados temas principais. As designações portuguesas que recolheu dos seus interlocutores (“dos Lusitanos”, nas suas palavras) também são fontes potenciais de estudos linguísticos, na medida em que alguns destes interlocutores podem ter sido pessoas com quem conversou nos mercados, nos campos e nas praias e não apenas os eruditos, como era o caso do seu anfitrião, Damião de Góis, que chega a citar literalmente. Está ainda por se fazer uma análise mais profunda dos seus relatos que vai requerer a colaboração de investigadores das várias áreas em que incidem os textos desta história natural.

Primeira parte – plantas (fol. 1r a 109v)

Tradução da página de rosto redigida em alemão (Fig. 1): “Índice e descrição de várias ervas, arbustos e frutos que se encontram sobretudo na Lusitânia e que na nossa terra se veem raramente ou nunca. Iniciado em Lisboa no ano de Cristo 1555 e 1556 na casa do nobre senhor e cavaleiro lusitano senhor Damião de Góis. Na época do solstício de Verão. Leo[nhard] Thurneisser zum Thurn. As viagens e caminhadas de uma pessoa pensadora profunda e hábil são superiores a quase todos os *Academiarium Studijs* ou dedicação à filosofia.”²²

Citam-se a seguir os títulos dos capítulos transcritos no idioma original (em itálico), que pode tanto ser latim, alemão como português (dão-se, quando possível, eventuais traduções entre parênteses curvos; os títulos que não estão destacados no manuscrito, mas só aparecem nas primeiras linhas do

²² Verzeichnus vnnnd Beschreibung etzlicher Kreütter, Stauden vnnnd Früchten, so fürnemlich inn Lusitania befunden, bey vns aber nicht viel oder gar wenig gesehen worden. Zu Lysabon angefangen Anno CHRISTI 1555 und, 1556. Inn der Behausung dess Edlen Herren vnnnd Lusitanischen Ritters Herren Damiani de Goës, umb die Zeitt des Solstity AEstiui. Leo[nhard] THVRNEISSER Zum Thurn. Eines gelärten dieffsinnigen vnnnd geschickthem Menschens Reysen vnnnd Wannderer, ist vberlegen fast aller Academiarium Studijs oder Fleiß inn der Philosophia.

corpo de texto de cada capítulo, estão colocados entre parênteses retos). Nos vários capítulos descrevem-se em alemão as espécies citadas nos respetivos títulos e mencionam-se por vezes as suas aplicações em medicina, cosmética ou outros domínios.

Index (fol. 2r a 2v).

[*Agrysis und Split*] (fol. 4v).

1 – *Malmakiis* (malmequer) (fol. 5r a 11r).

2 – *Gladiolvs* (fol. 11v a 12r).

3 – [*Medronho*] (fol. 13r a 13v).

4 – *Titymallvs Minima* (eufórbia?) (fol. 15r a 15v).

5 – [*Marmelos*] (fol. 17r a 17v).

6 – *Vervs Tamariscvs* (fol. 19r).

7 – [*Numularia*] (fol. 22r a 24v).

8 – *Narcissvs Albvs Minor* (fol. 25r a 26r).

9 – [*Inhame, Banana, Dracuncvlvs, Cucumerus, Cibolla Albaran, Rhabarbarvm*] (fol. 27r a 28v).

10 – *Perfoliata Montona* (fol. 29r a 29v).

11 – [*Lemtisco*] (fol. 31r).

12 – [*Darvera*] (daroeira?, tramazeira) (fol. 33r a 34r).

13 – [*Pandecocv*] (fol. 35r a 35v).

14 – [*Scabiosæ*] (fol. 37r a 38v).

15 – [*Antirrhinon Hijacinthinum*] (fol. 39r a 40v).

16 – *Species Savinæ* (fol. 41r a 41v).

17 – *Historia Coccini Hispanici* (carrasco, *quercus coccifera*) (fol. 43r a 50v).

18 – *Centaurium Minvs Album* (fol. 51r).

19 – *Sijderitis Montana Minor* (morugem, erva-estrela) (fol. 53r a 53v).

20 – *Sangvis Orba Rotonda* (fol. 55r a 55v).

21 – *Orches Lusitanicæ, Lusitanische Hunndtshödlein* (testículos-de-cão lusitanos) (fol. 57r a 77r).

Prima species (fol. 57r a 59r).

Species Altera (fol. 61r a 61v).

Species Orchis Tertia (fol. 63r a 64v).

Species Orchis Quarta (fol. 65r).

Quinta Species Orchis (fol. 67r).

Sexta Species Orchis (fol. 69r).

Nota Bene (fol. 69v).

Orchis Coerulea (fol. 71r a 72r).

Species Orchis (fol. 73r a 74r).

Orchis Alba (fol. 75r a 77r).

22 – *Flos Iari Medii* (fol. 79r a 80r).

23 – *Flos Narcissi* (fol. 81r a 83r).

24 – [*Flosira*] (fol. 85r a 86r).

25 – *Marguaca* (margarça, camomila) (fol. 87r a 88r).

- 26 – *Xiphion Montanum vel Hyacinthus Montanus* (fol. 89r a 90r).
- 27 – *Lamerina* (fol. 91r a 91v).
- 28 – *Silphium Vellaser Lusitanicum* (fol. 93r a 94v).
- 29 – *Narcissus Ferrogineus* (fol. 95r a 99r).
- 30 – *Pho Bulbosum Montanum* (fol. 101r).
- 31 – *Melilotus Pungens* (fol. 103r).
- 32 – *Proseves vel vngves Marini Item Pes de Capra* (percebes) (fol. 106r a 109v).

A descrição das plantas é feita com bastante pormenor. Muitos nomes que o autor dá às plantas caíram entretanto completamente em desuso. Nestes casos, mesmo tendo procurado esses nomes em herbários medievais e renascentistas, nem sempre se encontram estas designações. As dúvidas que subsistem podem vir a ser esclarecidas pela comparação da descrição da planta em causa com descrições modernas, em obras que designam essas plantas com o nome usado atualmente. As propriedades e aplicações medicinais, cosméticas e industriais mencionadas são por vezes bastante surpreendentes, pelo que se registam aqui alguns exemplos curiosos:

A propósito do medronho (cap. 3) o autor relata: “Este fruto tem um gosto bastante doce, mas nenhum cheiro e um sabor parecido com a *fraga* ou morango, mas fazem mal ao estômago e à cabeça...” (fol. 13v)²³.

Ao descrever o marmeleiro (cap. 5), menciona: “Os lusitanos preparam e confeccionam os seus marmelos com o suco ou sumo das laranjas, o que os torna transparentes, puros ou claros, à qual confeção chamam “marmolla[da]” (fol. 17v)²⁴.

No capítulo referente a *Inhame, Banana, Draconcolus, Cucumers, Cibolla Albaran, Rhabarbarum* (cap. 9), em lugar duma descrição verbal, remete para figuras em determinadas páginas dum manuscrito. Infelizmente esses desenhos perderam-se. Como tudo indica que o manuscrito é uma cópia de Adam Seidel feita a partir dum original de Thurneysser, percebe-se a razão de os desenhos não terem sido também copiados. O autor deve ter observado estes frutos no mercado de Lisboa e menciona as regiões ultramarinas de onde são importados.

Quando descreve o lentisco (cap. 11), assinala: “Dos raminhos deste *fruticis* fazem vassouras com que varrem” (fol. 31r)²⁵.

Ao descrever o que chama “darvera”²⁶ (cap. 12), a que no corpo do texto dá o nome alemão *Eberesche*, em português “tramazeira” (*Sorbus aucuparia*), o autor faz uma descrição curiosa das suas utilizações: “Dá umas baguinhas que primeiro são vermelhas e depois se tornam pretas e que são muito úteis para a face e os olhos, pelo que as mulheres lusitanas besuntam as faces com o unguento das mesmas; porque primeiro espremem o seu suco e expõem o mesmo ao sol. Por último besuntam com o mesmo a cara e apreciam-no muito e dão-lhe grande valor. Com a madeira do mesmo, esfregam e afiam os dentes depois de comerem, porque quando se mete um pau na boca e se mastiga e assim se esfregam

²³ Es hatt diese Frucht ein gar süessen Geschmackh, aber gar keinen Geruch, vnnnd schmeckht fast wie die fraga oder Erdtbeer. Sie seindt aber dem Haupt, vnnnd dem Magen schedlich ... (fol. 13v).

²⁴ Die Lusitani richten zu vnd machen diese ire Marmellen ein mit dem succo oder Safft der Arantien daroon sie dann gar durchsichtig vnnnd lauter oder klar werden, vnnnd wellche confectio vonn inen Marmolla[da] genannndt wierdt (fol. 17v).

²⁵ Vonn den Zweiglein aber dieses fruticis macht sie Bösen damit man feget (fol. 31r).

²⁶ Possivelmente ouviu dizer “daroeira”.

os dentes, estes ficam brancos. Por isso, os *nigritis*, os mouros pretos ou povos etíopes, os usam muito” (fol. 33r)²⁷.

O capítulo 17, intitulado *Coccini hispanici*, diz respeito ao carrasco ou quermes (*Quercus coccifera*) e descreve o arbusto, a bolota e as galhas, a colheita e a utilização das mesmas para extração do carmesim. Descreve os costumes das mulheres que faziam a colheita das galhas: “As mulheres que apanham e colhem a citada *Grana coccinea* besuntam ou friccionam os seus pés e botas com alho e, além disso, comem-no por causa das cobras e dos vermes peçonhentos que se costumam encontrar por baixo”²⁸. Descreve ainda as várias qualidades e o preço do carmesim, a tinturaria do pano de lã e a exportação para Castela e Itália e discorre sobre a riqueza agrícola do Alentejo, os trajes e o caráter dos alentejanos: “Os habitantes desta província usam ou vestem trajes todos brancos com cintos e calças brancas. Os lavradores da mesma terra são gente forte, orgulhosa, hospedeira e franca. Um filho não deixará a morte dum pai sem ser vingada, tal como os pais não gostam de deixar a morte dos filhos sem ser vingada, pois são certos e bons atiradores” (fol. 49v)²⁹.

No capítulo 21, intitulado *Orches Lusitanicæ*, sem prejuízo de uma análise pormenorizada, ainda por fazer, torna-se evidente que o termo *orches* nem sempre foi usado com o mesmo significado que hoje tem, como designação dum género, incluindo-se neste capítulo uma série de plantas bastante diversas, cujas descrições terão de ser estudadas para que se possa traduzir corretamente os seus nomes.

O capítulo 32 da primeira parte da História Natural de Portugal tem o título *Proseves vel Vngves Marini, item Pes de Capra*. Embora esteja integrado na parte referente a plantas, não trata de nenhuma planta, mas dum marisco, o percebe. Este pormenor bizarro não resulta de uma ignorância completa de Thurneysser sobre a natureza animal deste ser vivo, mas antes da opção de, ao arrumar este capítulo, dar prioridade mais às suas aparências do que à natureza do percebe. O autor começa por constatar que é imóvel por estar agarrado à rocha por algo que se assemelha a um rizoma, possuindo uma espécie de ramos que se assemelham a caules, que transportariam o nutrimento até à ponta de cada ramo. Pouco a pouco, ao longo de três parágrafos, acaba por concluir que, apesar das aparências sugerirem o contrário, se trata afinal dum animal.

Segunda parte – animaizinhos (fol. 111r a 127v)

Tradução da página de rosto redigida em alemão e latim: “Índice e Descrição de vários Animais e especialmente de Animaizinhos Aquáticos que se encontram na Lusitânia, mas que na nossa Terra não se costumam ver. Iniciado em Lisboa. Ano de Cristo 1555 e 1556. As viagens e caminhadas de uma pessoa pensadora profunda e hábil são superiores a quase todos os *Academiæ Studij* ou

²⁷ Es bringt Berlein, welche erstlich roth, darnach aber schwartz werden, vnnnd seindt zu dem Gesicht oder Augenn sehr nutzlich, doher die lusitanischen Weiber mitt denselbigen Olitet das Angesicht schmieren, denn sie truckh[en] erstlich auß inen den Safft vnnnd setzen denselbigen ein Zeitt lang an die Sohlen. Letztlichen schmieren sie das Angesicht darmit vnnnd wierdt vnnm inen sehr lieb vnnnd wertht gehalten. Mit desselbigen Holtze wetzen oder scherpffen sie auch ire Zehen, dann wenn man dasselbige nach dem Essen in den Mund nimbt vnnnd zerkauet vnnnd also die Zeenen damit reibet, so werden sie gar schon weiß davon. Sogar es von den Nigritis, den schwartzten Mohren oder aetjopischen Völckheren sehr gebraucht wierdt (fol. 33r).

²⁸ Die Weiber die dieselbige Grana Coccinea einsamlen vnd colligieren die schmieren oder salben ire Füß vnnnd Stifel mit Knoblauch, vnnnd essen denselbigen auch dazumahl, vnnm wegen der Otterten vnnnd giftigen Würmer so sie gemeiniglich vnnnder denselbigenn zu verhalten pflegen (fol. 45v).

²⁹ Die Einwohner derselbigen Lanndschaft brauchen oder tragen eittel weisse Kleider, weisse Gürt vnd Hosen. Es seindt auch die Ackher Leütt desselbig[en] Lanndes starcke, firche[?], vnnnd kostfey, ja freymuetige Mennschen. Es last auch bey inen der Sohn gar selten den Todt seines Vatters ungeroch[en], wie dann der Vätter der Kinner Todt auch nicht bey inen gern ungerochen lassen hingehen, dann sie seindt gewisse vnnnd guette Schützenn (fol. 49v).

dedicação à filosofia. Plutarco: *Peregrinatio alit sapientiam*. Quem caminha por país estrangeiro, fica a conhecer muitas coisas estranhas; alcança assim sabedoria, compreensão e muitas vezes grande fortuna”³⁰.

Os títulos seguintes dizem respeito a parágrafos curtos em que o manuscrito dá referências, sob a forma de números de folhas de uma coleção de gravuras que se desconhece. Reproduzem-se em itálico, sem tradução dos termos, que tanto podem ser latinos, alemães como portugueses. Nalguns casos juntam-se traduções portuguesas entre parênteses curvos.

[I] – *Vonn den Thierlein vnnnd Fischen* (Dos animaizinhos e peixes) (fol. 112r a 112v):

I. *Coitus*.

II. *Partus*.

III. *Pugna et Amicitia*.

IV. *Motus*.

V. *Vox*.

VI. *Captura*.

VII. *Caro*.

VIII. *Bonitas in tempore*.

[II] – *Schleyen* (tencas) e notas acerca de *Biber* (castores), *die Charauschen* (carpas?), *Savella* (sável?), *Sardinia* (sardinha) (fol. 112v a 113r).

III – *Lamprea Lvsitanica* (fol. 113r a 116v).

IV – *Mucharos* (fol. 116v a 117v).

V – *Rvivo* (fol. 117v a 118v).

[VI] – *Pisces in Lusitania et præcipue ad Ostium Tagi Olispone* (Peixes na Lusitânia principalmente em Lisboa na foz do Tejo; menciona *Tonium*, *Stier*, *Caninus Piscis*, *Raiarvm*, *Solii* e *Rikem*, querendo dizer provavelmente atum, esturjão, lúcio, raia, solha e cherne, respetivamente) (fol. 118v a 122v).

As secções VII a XII seguintes têm apenas uma enumeração de espécies, cujos nomes portugueses foram manifestamente recolhidos oralmente e grafados tal como um falante da língua alemã o faria, no desconhecimento da grafia portuguesa.

VII – *Marinæ Conchæ* – menciona entre outras *Busio*, *Brigignaun*, *Camoninas Jacobs Muschelen*, *Antigia*, *Maxilhaon*, *Ostræ* e *Lapas* – (fol. 122v a 127v).

[VIII] – *Conchæ et Buccinæ Terrestres* (fol. 123v).

[IX] – *Carocol, Cancrorum Species inn Lusitania* (fol. 124r):

1. *Cangeios*;

2. *Centolas*;

3. *Capatenpes*;

4. *Lagonsta*;

³⁰ PARS SECVNDA. [Ver]zeichnus vnnnd Beschreibung etzlicher Tierenn, vnnnd sunnderlich Wasserthierleinn, so inn Lusitania erfunden, bey vnns aber nicht viel gesehen werden. Zu Lysabon angefangenn Anno Christi 1555 vnnnd 1556. Eines gelartenn dieffsinnigen vnnnd geschickhtem Meenschens Reysen vnnnd Wannderer, ist oberlegen fast aller Academiarum Studijs vnnnd Fleiß inn der Philosophia. Plutarchus. *Peregrinatio alit sapientiam*. Wer Wannderenn thuet durch frembde Lanndt, Dem wierdt viel seltzam Dinngs bekanntt, Erreicht dardurch Weissheit, Verstanndt vnnnd kumbt im offft gros Glick zuhanndt (fol. 111r).

5. Lagostins;
6. Camerons;
7. Mouros.

[X] – *Semianimalia, marina et reptilia* (fol. 124r a 124v):

Polippus maximus

1. *Polypus medius*;
2. *Polypus minimus*;
3. *Bulla uel uestica marina*;
4. *Bullæ Lusitanicæ*;
5. *Bullæ maximæ*;
6. *Crystallus marina*;
7. *Puluinar marinum*;
8. *De lapidium piscium pitris*.

Pisces in Portugallia (fol. 124v a 127v):

1. *Balena*;
2. *Balena altera Species Balenæ*;
3. *Sardinia*;
4. *Sambala*;
5. *Pataroxa*;
6. *Sauelha*;
7. *Macarenæ sarda Anglica*;
8. *Chicharcino Macarænæ Lusitanicæ*;
9. *Mugem*;
10. *Bordalo*;
11. *Robalo*;
12. *Chuopa*;
13. *Xyphion*;
14. *Salmoneta*;
15. *Salmoneta grander*;
16. *Budiam*;
17. *Goras*;
18. *Cachuncho*;
19. *Sarues*;
20. *Pargo*;
21. *Cabra Ruiuo*;
22. *Cabra altera*;
23. *Remora*;
24. *Savel*;
25. *Papagei*;
26. *Truta*;

27. *Pargo camelitis*;
28. *Bunita*;
29. *Lamprea*;
30. *Bonga marina*;
31. *Murea*;
32. *Murea altera*;
33. *Eiros*;
34. *Erigiens*;
35. *Agutha*;
36. *Agutha*;
37. *Carapuos*;
38. *Piscis uolucer*;
39. *Piscis doolunda*;
40. *Pisce spanda*;
41. *Raia oder der Rochenn*;
42. *Rodoualho*;
43. *Solha*;
44. *Linguadæ*;
45. [Sem título];
46. *Pastinacæ*;
47. *Litous*;
48. *Pisce puta*;
49. *Pampano*;
50. *Douranda*;
51. *Gallina*;
52. *Pisce porco*;
53. *Tunum vnd Tunima*;
54. *Delphines*;
55. *Cassaun*;
56. *Lixa*;
57. *Lisam*;
58. *Tubaraunn*;
59. *Tartaniga*;
60. *Piscis Caninus*;
61. *Tamburill et Sargo*;
62. *Phaneco et Prengo*;
63. *Albacora*;
64. *Pisce Gallo*;
65. *Barbo*;
66. *Crongu*;
67. *Rana Piscatrix*;

- 68. *Coruina*;
 - 69. *Chernæ*;
 - 70. *Siba*;
 - 71. *Os septæ Fischlein*;
 - 72. *Chocus*;
 - 73. *Cera et Ruinaco*;
 - 74. *Pisce Rey*;
 - 75. *Enscona*;
 - 76. *Enxaraco*;
 - 77. *Bacalhao*;
 - 78. *Euxaroco altera*;
 - 79. *Rapelau*;
 - 80. *Bufo uenenatus*;
 - 81./82. *Aselli subterranei*;
 - 83. *Phocæ Maris septentrionalis*.
- XII – *De monstris marinis* (fol. 127v):

- 1. *De Syrenis*;
- 2. *De Tritonibus*;
- 3. *Animal septem Capitibus*;
- 4. *Monachus Marinus*;
- 5. *Gauallus marinus*;
- 6. *Pes de capra proseues vel vngues marini*.

XIII – *Vonn Lusitanischen Schiffen vnnd Schiffgeradt* – Dos barcos lusitanos e seus apetrechos – (fol. 127v).

Terceira parte – miscelânea – (fol. 129r a 143v)

Tradução da página de rosto redigida em alemão: “Miscelânea. Parte Terceira, histórica, geográfica, médica e de várias [matérias] mixtas. O que foi tudo depreendido e consignado por um excelente e mui douto senhor caminhante em viagem. Ano de Cristo 1555 e 1556. As viagens e caminhadas de uma pessoa pensadora profunda e hábil são superiores a quase todos os *Academiæ studijs* ou dedicação à filosofia. Plutarco: *Peregrinatio alit sapientiam*. Quem caminha por país estrangeiro, fica a conhecer muitas coisas estranhas; alcança assim sabedoria, compreensão e muitas vezes grande fortuna” (fol. 129r)³¹.

Títulos dos capítulos em itálico e possíveis traduções entre parênteses curvos:

I – *Nebulgea. Rotte wolriechennde Steinflechten* (Líquenes vermelhos aromáticos?) (fol. 130r).

II – *Conseruam rosarum* (Conservas de rosas) (fol. 130r).

III – *Ritus depositionis Mercatorum Noruegiæ. Wie die Bergische Kauffleut vnnd Hendler eingeweicht und gemustert werdenn* (Ritos de iniciação dos mercadores noruegueses) (fol. 130v a 133v).

³¹ MISCELLANEA. PARS TERTIA. Historica, Geographica, medica et varie mixta. Welches sembtlich imm eines vortrefflichen vnnd hichgelarten Herren Wamderen vnnd Reysem vonn ime ist deprehendiret vnnd consigniret wordenn. Anno CHRISTI 1555 vnd 1556. Eines gelarten dieffsinnigen vnnd geschickht[en] Memschens Reysem vnd Wamderen ist vberlegenn fast aller Academia[rum] studijs vnnd Fleiß in Philosophia. Plutarchus. Peregrinatio alit sapientiam. Wer Reyssen thu[e]lt durch frembde Lanndt, Dem wierdt viel seltzams Ding bekamndt, Erreicht dardurch Weissheit, Verstanndt, Kumbt im auch offft gros Glick zuhanndt (fol. 129r).

IV – *Æthiopum Vel Nigritarum d[e]scriptio. Beschreibung der Mohren, Nigri-ten vnnd Aethiopier* (Descrição dos mouros, negros e etíopes) (fol. 133v a 141v).

V – *Aestus Maris* (As marés) (fol. 142r a 143v).

VI – *De marmoribus Lusitanicis* (Acerca dos mármore lusitanos) (fol. 143v).

VII – *Mensure aridorum et pannorum* (Medidas de secos e pães) (fol. 143v).

Algumas notas sobre cada um dos capítulos:

I – O autor descreve líquenes de cor amarela ou avermelhada que recobrem rochas expostas a nevoeiros.

II – O autor descreve um tratamento que os lusitanos dão a certas rosas.

III – O autor descreve os rituais de iniciação dos noviços na comunidade de mercadores da cidade norueguesa de Bergen no reino da Dinamarca. Trata-se de praxes nojentas, escabrosas e humilhantes que são descritas em pormenor, sem revelar de onde obteve essas informações.

IV – Este capítulo começa pela descrição pormenorizada e mesmo drástica daqueles caracteres físicos que mais distinguem os negros dos europeus. Distingue vários tipos físicos conforme a sua origem das costas da Mina ou da Arábia e do Mar Vermelho. Regista as cicatrizes de mutilações que muitos traziam nos seus corpos, em consequência dos usos a que nos seus povos sujeitavam as pessoas jovens. O autor admira a sua força, resistência e paciência para suportarem esforços pesados, mas também menciona que se zangam muitas vezes uns com os outros e que se batem entre eles com muita violência.

Nas suas terras de origem não se usaria moeda propriamente dita, mas, em vez disso, utilizavam-se umas conchinhas para transacionarem valores pequenos. Aos navegadores e mercadores lusitanos davam pepitas de ouro em troca de roupas e diversos utensílios de que necessitavam. O autor descreve os costumes desses negócios. Afirma que se alimentam de legumes, tal como inhame, banana e batata, ora cozidas, ora fritas. Esses legumes também são trazidos das suas terras para Lisboa, onde são vendidos publicamente.

Para beber, os nativos servem-se de água ou vinhos que preparam a partir dos frutos das palmeiras e das suas cascas, bebidas essas que são muito mais fortes que os vinhos que se bebem na Europa.

O autor afirma que negros são extraordinariamente lascivos, desinibidos e desavergonhados, e que as mulheres são divertidas, mexidas e deliciosas *in opere venereo* e muito mais atrevidas que as da terra dele. Têm um grande desejo de copularem com homens brancos e de se miscigenarem.

Anota ainda que nas suas terras não cresce o gengibre, mas que há muita malagueta.

No final deste capítulo, o autor relata que muitos destes mouros ou negros são levados todos os anos das suas terras para Lisboa, onde são vendidos, citando os preços dos jovens e mulheres que são primeiro exibidas, sendo apregoados os seus preços de venda. Descreve ainda a forma como os compradores avaliam a robustez e o estado de saúde das pessoas que estão a ser oferecidas para venda, o seu estado de nudez, as apalpações a que são sujeitas, incluindo das partes íntimas, a execução de exercícios físicos destinados a avaliar as suas forças. Na apreciação dos seios das mulheres, o comprador também quer saber se é virgem e, no caso de já ter parido, quantas vezes pariu.

Além disso, constata que a cor da pele é algo que têm desde que nasceram e que não é o resultado de terem nascido numa determinada terra, mas que depende dos pais de que nasceram. Nota que das uniões entre uma pessoa de cor mais negra com outra mais clara nascem crianças com um tom de pele

intermédio. Cita o termo “mulato” usado pelos lusitanos e compara com o facto de se criarem mulas através do cruzamento de cavalos com burros, mas nota que contrariamente ao que acontece com as mulas, não há perda de fertilidade.

Conclui que a negritude não pode resultar exclusivamente da elevação do sol e do calor violento do estio nos países de origem. Para causar a negritude completa haverá algo que se encontra no sémen e por este se transmite. “O mui douto e nobre senhor Damião de Góis é da mesma opinião e o supremo governador lusitano da Índia também considera que a negritude tem três causas, sendo uma o resultado do escurecimento pelo calor excessivo, uma segunda da combustão dos sémenes nos pais, causada também pelo calor, e a terceira a humidade das regiões. Nas migrações dos povos etíopes de pele relativamente clara através de outras regiões, estes teriam ficado mais escuros” (fol. 140v).

Reflete sobre a pele mais clara dos índios do Brasil, embora também venham duma zona tórrida, abaixo da linha dos equinócios.

Menciona que o rei dos etíopes, isto é, dos mouros negros, é adepto da religião da igreja romana, por ter visto uma carta em que este pede à santidade papal e ao rei dos lusitanos o envio de oficiais e mestres de várias artes e em que confessa a sua fé e lamenta o facto de os reis e príncipes da Europa se guerrearem, quando deviam ser todos do mesmo corpo, cuja cabeça é Cristo. E, tal como o grande rei das Índias, estima os francos por terem protegido e defendido a cidade de Cambaia, rechaçando centenas de milhares de turcos. Conclui: “Deus está connosco”.

Relata que finalmente viu em Lisboa uma pessoa que foi concebida e nascida não longe da Mina de pais de cor negra de carvão que era todo branco, “ainda mais branco que um alemão”, mas cujos membros permaneceram semelhantes aos de Mouros, egípcios ou negros.

V – O autor afirma que em cada dia de 24 horas o mar enche duas vezes e vaza outras duas vezes. Relata este fenómeno e o seu ritmo de seis em seis horas em pormenor e que observou que, na lua cheia, a altura da maré é maior que na lua nova. Considera que as marés têm origem no grande e bravo oceano e menciona que o *Mare Dantiscanum*³² (mar báltico) não tem marés. No *Belgicum Mare* e o *Mare Anglicum* (não é claro se se está a referir ao canal da Mancha ou ao mar do Norte) a altura das marés varia conforme os sítios. Informa que na Hibernia (Irlanda) a altura das marés é especialmente elevada.

VI – O Capítulo refere brevemente que existe uma variedade de mármore na Lusitânia e remete para uma descrição num manuscrito desconhecido, possivelmente um anterior, do qual este é uma cópia incompleta.

VII – Refere-se um manuscrito desconhecido, possivelmente o mesmo que o referido na secção anterior, em que são descritas as medidas de géneros e frutos secos, bem como de panos.

Quarta parte (fol. 317[217]r a 353[253]v)

Esta quarta parte da *história natural de Portugal* não tem folha de rosto e está escrita por um punho diferente daquele das partes anteriores. Começa com a descrição de diversas aves. Seguem-se descrições de alguns quadrúpedes e finalmente uma secção extensa sobre plantas medicinais. Apresenta-se a seguir a transcrição dos títulos dos capítulos em itálico, seguida por uma tradução portuguesa nos casos em que isso é possível com relativa facilidade.

³² *Dantiscum* é uma das designações latinas da antiga cidade hanseática Danzig situada na foz do rio Vístula, fazendo hoje parte da Polónia, com o nome actual de Gdańsk.

Capítulo sem numeração, sem título, nem página de rosto, com **descrições de aves** (fol. 317r a 322v):³³

Solitarius (melro azul, seguido da descrição de outro pássaro cujo nome se desconhece) (fol. 317r).

Staren (estorninhos) (fol. 317v).

Raben (corvos, seguido da descrição de outros pássaros cujo nome se desconhece) (fol. 317v a 318r).

Batarda (abetarda) (fol. 318r a 318v).

Mergi pulli (mergulhão?) (fol. 318v a 319r).

Psitacus totus cinereus (papagaio, com descrição de várias espécies de papagaios e aparentemente um periquito) (fol. 319v a 320v).

Schneppff (galinhola?) (fol. 320v a 321r).

Sisaum (sisão) (fol. 321r).

Aquila Regalis (águia real) (fol. 321r a 321v).

Coveschæ (grouse) (fol. 321v a 322r).

Gense (gansos) (fol. 322r).

Reschinol (rouxinol) (fol. 322v).

Rolas (fol. 322v).

Regulus (estrelinha de poupa?) (fol. 322v).

Ao capítulo das aves segue-se um novo capítulo:

De quadrupedibus, Von vierfüssigen Thieren – dos animais quadrúpedes (fol. 323r a 328v):

Simiæ non caudatæ (símios sem cauda; além da sua descrição, o autor menciona relatos que deve ter ouvido acerca destes símios na terra dos mouros e das proezas dum macaco que se libertara em Lisboa; descreve espécies de macacos com pelos de diversas cores) (fol. 323r a 324v).

Mulæ (mulas) (fol. 324v).

Asinus Indicus (“burro da Índia”, provavelmente zebra. O autor menciona um exemplar que fora oferecido ao rei de Portugal pelo “rei da Índia” e que ele viu várias vezes em Lisboa) (fol. 324v a 325r).

Lewen (leões) (fol. 325r a 325v).

*Hegetissen*³⁴ (lagartos. O autor menciona que em Portugal há lagartos verdes que têm quase o tamanho de gatos e descreve-os; descreve outros lagartos que seriam peçonhentos e de cor escura, provavelmente osgas) (fol. 326r a 327r).

Ziegen (cabras) (fol. 327r a 327v).

Katzen (gatos) (fol. 327v).

Addern (serpentes. O autor menciona *Pullæt*, que seriam criadas em casa na Galiza e na Lusitânia e comidas depois de cozinhadas –provavelmente trata-se de enguias, porque estas eram consideradas na Idade Média como uma espécie de serpentes) (fol. 327v a 328r).

Spinnen (aranhas) (fol. 328r a 328v).

³³ A numeração usada nesta descrição da Quarta Parte é a que se obtém adicionando 100 unidades à numeração que figura de facto no manuscrito (veja-se a nota 11 correspondente, na secção “Descrição e conteúdo do manuscrito”).

³⁴ O étimo da palavra alemã atual *Eidechse* é *egidhesa* (em *Althochdeutsch*).

Mille pes (centopeias?) (fol. 328v).
Waltt Meuse (ratos-do-mato) (fol. 328v).
Cuniculi, Kanninichen (coelhos) (fol. 328v).

Segue-se um conjunto de **descrições de plantas medicinais**: no caso das espécies botânicas, as traduções portuguesas propostas estão afetadas de muitas incertezas. Só um estudo mais aprofundado, que os autores não estão ainda em condições de apresentar, poderá confirmar se estas traduções estão corretas. Note-se também que, nos casos *Coubras e Scorpiones*, o autor foi obviamente inconsequente (fol. 329r a 353v):

Geranium (fol. 329r).
Perexil – funcho-do-mar (fol. 329r).
Herba scopalis (fol. 329v).
Trouisquo (trovisco) (fol. 330r).
Camomilla satiua (camomila) (fol. 330r a 330v).
Altera camilla (fol. 330v a 331r).
Millefolium Lusitanicum, Macela (fol. 331r).
Macela gualega (fol. 331r a 331v).
Satyron (satirião) (fol. 331v).
Belis minor (margarida menor?) (fol. 331v a 332r).
Belis maior (margarida maior?) (fol. 332 v).
Rumex, Labaca (labaça) (fol. 332r a 332v).
Species dentis leonis (dente-de-leão) (fol. 332v a 333r).
Blitum, Mangoldt (acelga) (fol. 333r).
Origanum Lusitanicum (orégão lusitano) (fol. 333r).
Pseudo Origanum (fol. 333v).
Iarum Lusitanicum (árum) (fol. 333v).
Porrum sylvestre (alho porro) (fol. 333v a 334r).
Fratres Arisarum (capuz-de-fradinho) (fol. 334r a 334v).
Serpentina (serpentária, dracúnculo) (fol. 334v).
Coronopus Rappenfues (erva-da-lua) (fol. 335r).
Matulam (?) (fol. 335v).
Myrtus (mirtilo) (fol. 335v).
Myrtus gallica (fol. 335v a 336r).
Myrtus sylvestris (mirtilo comum) (fol. 336r).
Herba pinheira (erva-pinheira) (fol. 336r a 336v).
Sedum Hauswurtz, Sedum maius Lusitanicum (arroz-das-paredes) (fol. 336v a 337v).
Sedum medium (arroz-dos-telhados, pinhões-de-rato) (fol. 337 v).
Sedum minus (arroz-dos-muros) (fol. 337 v).
Nota (fol. 338r).
Thitymalus, Wolffsmilch (eufórbia) (fol. 338r).

Thitymalus alter (fol. 338v).
Geranium (gerânio) (fol. 338v).
Coubra (cobra, descreve uma serpente, provavelmente do género pitão) (fol. 339r).
Scorpiones (não se pode traduzir por escorpiões, porque a descrição parece ser mais a de uma víbora) (fol. 339r a 340r).
Herba pini (linária?) (fol. 343r).
Cibolla alba hortensis (cebola) (fol. 343r).
Cibolla agrestis (cebolinho) (fol. 343r).
Ruta communis (arruda) (fol. 343v).
Ruta (arruda) *Leptophyllos* (fol. 343v).
Pulegium (poejo) (fol. 343v).
Pulegium (poejo) *montanum* (fol. 343v a 344r).
Orminy sylvestris species (sálvia?) (fol. 344r).
Hastula regia (verbasco?) (fol. 344r).
Asparagus communis (espargo) (fol. 344r a 344v).
Asparagus sylvestris (fol. 344v).
Asparagus species (fol. 344v).
Erica lusitanica (urze-branca) (fol. 344v).
Beta sylvestris (acelga brava) (fol. 344v a 345r).
Lappatum latum (trevo-bardana?) (fol. 345r).
Acetosam (azedra) (fol. 345r).
Irio (fol. 345r a 345v).
Draba (fol. 345v).
Acantus (acanto) (fol. 345v).
Branca ursina (branca-ursina) (fol. 346r).
Xquat ουβολος (?) Erdtdistel (?) (fol. 346r).
Luinaria (fol. 346v).
Cynoglossa cerulea (língua-de-cão?) (fol. 346v).
Cynoglossa minor (fol. 346v).
Iris illyrica (íris) (fol. 346v).
Buglossa communis (língua-de-vaca?) (fol. 346v a 347r).
Rubra tinctorum (ruiva-dos-tintureiros) (fol. 347r).
Mater silua Lusitanis (madressilva) (fol. 347r).
Capillus veneris (avenca) (fol. 347r).
Salsaperilla (salsaparrilha) (fol. 347v).
Anchusa (anchusa) (fol. 347v).
Anchusa cerulea (anchusa-azul?) (fol. 347v).
Herba nitri (alfavaca-de-cobra?) (fol. 347v).
Hiosciamus albus (meimendro-branco) (fol. 348r).
Lirium (lírio) *cerulium* (fol. 348r).
Herba conte (heléboro?) (fol. 348v).

Platanus Wacholderbaum (plátano?) (fol. 348v a 349r).
Ficus indica (figueira-de-bengala) (fol. 349r).
Draco (dragoeiro) (fol. 349r a 349v).
Palma (palmeira) (fol. 349v).
Scrophularia maior (escrofulária, erva-de-são-pedro) (fol. 350r).
Minor scrophularia (escrofulária, erva-de-são-pedro) (fol. 350v a 351r).
Tamarindus (tamarindeira) (fol. 351r a 351v).
Ruscus Meußdorn (gilbardeira) (fol. 351v).
Ruscus alter (fol. 351v).
Parietaria (alfavaca-de-cobra?) (fol. 352r).
Urtica (urtiga) *mortua* (fol. 352r). *Jasmin* (jasmim) (fol. 352r).
Umbilicus veneris (umbigo-de-vénus) (fol. 352r a 352v).
Mercurialis (ortiga) *mas* (fol. 352v).
Mercurialis (ortiga) *foemina* (fol. 352v).
Jame rubra (?) (fol. 352v a 353r).
Species Cynoglosæ (língua-de-cão) (fol. 353r).
Jame (inhame?) *alba* (fol. 353r).
Echiij species (língua-de-vaca?) (fol. 353v).

CONCLUSÃO E PERSPETIVAS FUTURAS

Subsistem muitas questões acerca do conteúdo deste importante manuscrito, sobretudo no que diz respeito às suas fontes, que só uma investigação mais detalhada poderá resolver. Esse não era o nosso propósito aqui, pois, como explicámos de início, quisemos apenas trazer ao conhecimento do público português a existência de um documento notável que as vicissitudes dos tempos haviam atirado para o esquecimento.

A transcrição completa das quatro partes do manuscrito respeitantes ao que designámos por *História Natural de Portugal* constitui a nossa prioridade para os próximos meses de trabalho. Só depois de concluída essa transcrição se pode encarar a possibilidade de traduzir o texto alemão. Antes ou simultaneamente com um eventual trabalho de tradução, procuraremos editar a transcrição do texto. Embora a leitura do alemão da época (*Frühneuhochdeutsch*) não seja de uma dificuldade transcendente para quem conheça o alemão que hoje se fala, uma publicação da transcrição terá de ser acompanhada de muitas notas, necessárias para esclarecer as passagens mais obscuras, notas essas que serão redigidas preferivelmente em alemão. Esse trabalho obrigará também, muito possivelmente, à colaboração de biólogos e zoólogos profissionais, de modo a identificar corretamente e nomear com rigor as espécies vegetais e animais descritas, de acordo com a taxonomia atual.

Os leitores potencialmente mais interessados em ter acesso a uma tradução do texto alemão serão os investigadores portugueses ou os lusitanistas estrangeiros que, todavia, conhecem a língua portuguesa. Ao optar por uma tradução portuguesa, não descartamos, porém, a opção de uma tradução inglesa, sobretudo devido ao facto de haver partes cujo interesse transcende muito o conjunto de estudiosos que dominam a língua portuguesa. As partes de maior interesse para leitores da comunidade

científica global que não dominam o português serão provavelmente as descrições, verdadeiramente excepcionais, dos “negros e etíopes” que Thurneysser teria visto em Lisboa e da compra e venda dos que chegavam trazidos como escravos.

Uma tradução portuguesa de outras partes poderia ser mais útil que uma inglesa, por exemplo, para os investigadores da história da flora e fauna portuguesa (isto é, também do ambiente), no caso das partes referentes às plantas locais (muitas delas medicinais), dos “animaizinhos” (incluindo peixe e marisco) e das aves. O mesmo se aplica aos estudiosos da história da etnobotânica e da etnofarmacologia portuguesa, bem como da etimologia e da linguística histórica (considerando as muitas designações portuguesas recolhidas por Thurneysser).

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Gabriele Kaiser da *Staatsbibliothek zu Berlin*, autora de livros sobre Thurneysser, o interesse e a ajuda ao abrir-nos as portas do departamento de manuscritos da instituição, em que exerce as funções de bibliotecária, e ao fornecer-nos preciosas indicações biográficas, tanto acerca de Thurneysser, como do seu escrivão Adam Seidel, bem como sobre os fornecedores de papel à oficina de Thurneysser em Berlim. A Yves Schuhmacher, *Zürich*, também autor duma biografia de Thurneysser, agradecem a ajuda na decifração de certas expressões usadas por Thurneysser, oriundas do seu dialeto alemânico natal. A Henrique Tavares e Castro, do *Centro de Humanidades Antigas e Modernas, Universidade Nova de Lisboa*, agradecem a ajuda na identificação das marcas de água do papel do manuscrito. Os resultados destas averiguações serão desenvolvidos na projetada edição da transcrição completa e tradução do manuscrito. Também queremos deixar aqui os nossos agradecimentos pelas discussões estimulantes que tivemos com Annemarie Jordan Gschwend do *Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar* e com Kate Lowe da *Queen Mary University* de Londres.

(Comunicação apresentada à Classe de Ciências
na sessão de 7 de Abril de 2016)

BIBLIOGRAFIA

- BEAU, A. E. (1941), *As Relações Germânicas do Humanismo de Damião de Góis*. Coimbra, Instituto Alemão da Universidade de Coimbra.
- DEGERING, H. (1925), *Kurzes Verzeichnis der germanischen Handschriften der Preussischen Staatsbibliothek* (Berlin), vol. I: *Die Handschriften in Folioformat*. Leipzig, Hiersemann.
- FISCHER, B. (1960), *Dialogue Luso-Suisse: Essai d’une histoire des relations entre la Suisse et le Portugal du 15e siècle à la Convention de Stockholm de 1960*. Lisbonne, Ramos Afonso & Moita.
- KÜHLMANN, W. – TELLE, J. (2013), *Corpus Paracelsisticum*, Vol. III; *Dokumente frühneuzeitlicher Naturphilosophie in Deutschland*. Sub-vol. I (*Frühe Neuzeit, Studien und Dokumente zur deutschen Literatur und Kultur im europäischen Kontext*). Band 170, Berlin et alii, De Gruyter.
- QUELLE, O. (1940), *Der spanisch-portugiesische Kulturkreis auf Wiener Gobelins. Eine kulturgeschichtliche Darstellung [Festschrift zum zehnjährigen Bestehen des Ibero-Amerikanischen Instituts Berlin, 12. Oktober 1940]*. Leipzig, Harrassowitz.
- QUELLE, O. (1942), *Geschichte von Iberoamerika* (Die große Weltgeschichte 15: Geschichte Amerikas außer Kanada). Leipzig, Bibl. Institut Leipzig.

- QUELLE, O. (1944), "Leonhard Thurneysser zum Thurn": *Revista do Instituto de Cultura Alemã. Zeitschrift des Deutschen Kulturinstituts*, 1/1 (1944) 99-102.
- QUELLE, O. (1944b), "Deutsch-Portugiesische Kulturbeziehungen": *Zeitschrift für Politik* 34 (março/abril 1944) 115-121.
- SCHUMACHER, Y. (2011), *Leonhard Thurneysser, Arzt – Alchemist – Abenteurer*. Zürich, Römerhof Verlag.
- SPITZER, G. (1996), "... und die Spree führt Gold: Leonhard Thurneysser zum Thurn, Astrologe – Alchemist – Arzt und Drucker im Berlin des 16. Jahrhunderts (Beiträge aus der Staatsbibliothek zu Berlin, Preußischer Kulturbesitz 3). Ausstellungskatalog. Wiesbaden, Reichert.
- STOLS, E. – FONSECA, J. – MANHAEGE, S. (2014) *Lisboa em 1514. O relato de Jan Tacoen van Zillebeke*. Lisboa, Húmus.
- STRASEN, E. A. – GÂNDARA, A. (1944), *Oito séculos de História Luso-Alemã, Com 320 ilustrações no texto, 3 iluminuras, índice de 1800 personagens, e 2 quadros genealógicos anexos*. Berlim, Instituto Ibero-Americano de Berlim.